

Desinformação, influência e internet: novas nuances da sociedade conectada.

Dejair Neto¹

Somos influenciadores e influenciados o tempo todo, em dimensões maiores e menores. Não adianta negarmos, o mundo de hoje pertence à influência em maior ou menor escala que exercemos sobre tudo e todos. Escancarados pelas redes sociais, limites não existem para expressar opiniões e compartilhar informações, sejam elas verdadeiras ou não. O descrédito da mídia, junto ao fenômeno da desinformação chamado de Fake News, contribui para uma sociedade mergulhada num mundo imaginado e controlado por quem tem o poder da manipulação presente na internet.

Para entender melhor, é preciso voltar um pouco no tempo. A internet tomou força nos anos 2000 e aos poucos foi se tornando democrática, ou seja, acessível para a maioria das pessoas. Apesar disso, nem todos têm acesso à essa inovação tecnológica, que nem é mais tão novidade assim. Algumas regiões do Brasil e do mundo ainda sofrem com falta de acesso à informação e, nesse caso, a internet vem como uma aliada na propagação de notícias e conexão entre os continentes. Afinal, há mais celulares do que habitantes no país, pelo menos. De acordo com a PNAD Contínua de 2017 do IBGE, um dos dados mais recentes sobre o assunto, 74,9% dos lares brasileiros têm acesso à internet e 93,3% das pessoas têm celulares. Às vezes, até mais de um. Ainda de acordo com a pesquisa, 97% dos entrevistados utilizam a internet através do celular. Dessa forma, é possível inferir que este é também o meio pelo qual elas mais se informam.

Do ponto de vista democrático, o acesso à rede é como um espaço para que as pessoas socializem e compartilhem umas com as outras suas visões de mundo, opiniões, dia a dia e até mesmo seus pesares. Nisso, tudo aparece em perfeita

¹ aluno do curso de Comunicação Social da PUC-Rio e produtor do *Globo Comunidade* e co-produtor do *RJ1* e *Bom dia Rio*, todos os programas da Rede Globo.

sintonia e utopia: um ambiente democrático sem preconceitos e dualidades, em que todos convivem em harmonia. A realidade é um pouco diferente: redes sociais mais separam do que aproximam as pessoas, ainda mais em época de política. “Não encosta no meu candidato”, já diria uma paródia da música da cantora Ludmilla que circulou pela internet ano passado.

A livre circulação de informações e opiniões não deveria ser um problema no ponto de vista da comunicação, mas nas proporções que as coisas andam isso se intensificou até chegarmos num ponto em que os próprios profissionais da área entraram em descrédito. O grande problema não é o livre acesso às redes, mas se isso é positivo ou não para a sociedade como um todo. Restringir não é uma opção e não é preciso explicar o porquê, visto que repressão não vale a pena em nenhuma circunstância. A questão é que deve haver uma certa preocupação de como essa circulação de conteúdo, tanto pessoal quanto informacional, vai passear por aí mundo afora. Leis ainda são fracas, veículos de comunicação ainda são frágeis e pessoas ainda não sabem como se portar e identificar perigos na rede. Em resumo, é um ambiente novo – nem tanto assim – em que tudo acaba sendo extremamente experimental.

Fake News é um termo que acaba prejudicando a própria imprensa, já que traz aquela impressão de “notícia falsa”, sendo que trabalhamos por uma notícia verdadeira. Sempre. Não entra em questão aqui o posicionamento político ou ideológico dos meios de comunicação, e sim a essência do que aprendemos como Jornalismo e Comunicação Social. As Fake News são informações falsas implantadas para algum fim, seja para desmoralizar, atingir ou acabar com a reputação de alguém. Esse novo e resistente inimigo é utilizado para manipular uma massa que está acostumada a reproduzir conteúdos, às vezes de forma impensada. Digo isso, porque também há pessoas que compartilham por aquela informação ir de encontro com sua visão de mundo e suas opiniões. É muito difícil pensar fora da “caixa” e enxergar uma realidade fora da “bolha social” em que se vive, e isso não é uma crítica, é uma realidade. É necessário um esforço para que se enxergue que se caiu numa armadilha

implantada por alguém. Para a Psicologia, o compartilhamento de notícias falsas se dá por alguns motivos, entre eles: a proximidade que se tem com a fonte (nesse caso não necessariamente a fonte inicial, mas a que se teve o primeiro contato com a tal informação, que pode não ser de um veículo tradicional de mídia), a credibilidade atribuída a essa fonte e o “match” entre valores e visões de mundo. É muito mais fácil compartilhar o que nos agrada e não nos incomoda. E a maioria não aceita as visões distintas, daí os embates e a rivalidades presente na rede que podem ser formados por uma informação infundada.

Há algumas formas de evitar o compartilhamento desse tipo de conteúdo: checar se o fato é verídico é o principal. Para isso, basta buscar na própria internet se aquilo saiu em outros veículos de comunicação, que sejam considerados de alta credibilidade, ou então, em caso de personalidades, buscar no próprio canal de comunicação da pessoa. A ideia de que os veículos de comunicação jogam contra a sociedade é outro grave problema visto nesse cenário da desinformação, uma vez que a confiança na imprensa é a “cereja do bolo” para o trabalho que é desenvolvido. Jornalistas trabalham para que a população esteja informada e questione o poder público, e também é dever do Jornalismo ajudar o cidadão a cobrar os seus direitos. Entre os princípios da profissão estão justamente a verdade e o caráter de serviço público. O que se é visto, neste momento, é um enfraquecimento perigoso da credibilidade da imprensa, que dá margem para que um número maior de influenciados apareça e se auto sabote. Restringir a imprensa é restringir a democracia e a liberdade de expressão. Vale lembrar que o maior argumento utilizado nas redes sociais é sempre referente a determinados veículos de comunicação e que a mídia inteira não se resume a só eles. E mesmo assim, esses veículos merecem respeito. O termômetro da população mediante a se um trabalho é bom ou não é importante, tanto na imprensa quanto na política, mas deve-se regular, nunca calar. Mesmo que não seja nitidamente a sua visão de mundo, vale o respeito e a aceitação das diferentes visões. Até porque se tudo que achássemos ruim desaparecesse, só teríamos governantes e instituições ótimas

disponíveis por aí. No Brasil, o WhatsApp é o mais baixado entre os aplicativos de troca de mensagens e é considerado uma das principais redes sociais. Foi nele que as Fake News estiveram mais presentes durante o período de campanha eleitoral de 2018 e continuam presentes no dia a dia da população. De acordo com o Relatório de Segurança Digital no Brasil, divulgado pelo Laboratório de Segurança do PSafe, foram mais de 4,8 milhões de “notícias falsas” compartilhadas pelos brasileiros no período de julho a setembro de 2018. Destas, 2,2 milhões tinham como assunto principal a política. O WhatsApp foi o meio mais utilizado para esta propagação. A fim de entender a influência dos grupos do aplicativo na formação de opinião, realizei uma pesquisa digital no ano passado com 153 entrevistados, em que a maioria disse já ter recebido alguma notícia falsa pelo WhatsApp e acreditar que ele é um influenciador da opinião pública. Também foram colhidos relatos desses entrevistados e, diante disso, é possível destacar que grande parte das discussões nos grupos era sobre posições políticas. Isso dividiu não só famílias, como também estremeceu esses relacionamentos.

De acordo com a brasileira Raquel Recuero², uma das maiores estudiosas sobre influenciadores do país, influenciador digital é uma pessoa que tem uma posição de certo privilégio na rede, ou seja, ele é importante para determinado grupo. A partir do momento em que uma pessoa com certa relevância para nós compartilha uma informação, esta ganha ainda mais valor e corre mais risco de ser passada à frente sem checagem mínima. Mesmo que Raquel estude influenciadores de grande porte presentes nas redes, de certa forma, podemos transportar o que ela diz sobre eles para a temática deste artigo: o influenciador muitas das vezes não sabe o impacto que ele tem para a sua audiência. Por isso, devemos nos atentar a tudo que compartilhamos nas redes, como já foi dito. É importante também frisar que Fake News não é necessariamente a mesma coisa que boatos. Presente desde o início das interações sociais através da

² BRAMBILLA, Ana; GLETTE, Gabriela. Influenciadores e campo Social: Entrevista com Raquel Recuero. Revista Comunicare, v. 17 – Edição Especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/3-Entrevista-Comunicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf> Acessado em 18/05/2019.



linguagem, segundo Jean-Noel Kapferer³, um estudioso sobre boato, ele é "o mídia mais antiga do mundo"⁴. Além disso, seu conteúdo pode ser verdadeiro, parcialmente verdadeiro ou falso, e depende da adequação à visão de mundo do grupo em que se é implantado para que seja realmente passado à frente. Nas redes sociais, o boato se torna ainda mais intenso e pode transpassar espaços, impactando o dia a dia das pessoas atingidas diretamente ou não pelo famoso "ouvi dizer". Mas, apesar das semelhanças, Fake News não é boato. Podemos até neste artigo chamá-los de primos, mas a principal diferença entre os dois é que Fake News é uma "notícia falsa" por natureza plantada com uma finalidade negativa, que influencia os demais por meio de uma informação duvidosa e tendenciosa. Tudo isso tem dificultado o trabalho da imprensa, não só no Brasil, mas no mundo.

A questão de como os veículos de comunicação estão fazendo para se sobreporem às dificuldades de se fazer um trabalho que seja reconhecido pela população é um dilema. Já é sabido esse descrédito da imprensa e alguns deles têm tentado se reafirmar pela checagem das informações. Alguns teóricos da área são pessimistas e acreditam no enfraquecimento do Jornalismo, mas a corrente que crê numa adaptação e resiliência parece ser mais próxima da realidade. De uns tempos pra cá, está sendo mais comum vermos sites e empresas de comunicação apostando nos "carimbos" de 'fato' ou 'fake'. Ao meu ver, o furo jornalístico que é tão procurado pelos profissionais cada vez mais estará na internet, nas redes sociais, e a função do jornalista será de comprovar se aquilo é verdade ou não. Isso, não é contra os princípios básicos da profissão, pelo contrário, valoriza e credibiliza o trabalho, afinal continuaremos em busca da verdade.

As considerações feitas acima acerca do cenário do Jornalismo, das redes sociais e da era da desinformação são apenas alguns recortes de pontos a serem discutidos pela academia e pela sociedade como um todo. É de extrema relevância a reflexão sobre as influências que exercemos sobre

³ KAPFERER, Jean-Noël, 1957. Boatos: o mais antigo mídia do mundo. Forense Universitária, 1993, Tradução: Ivone da Silva Ramos Maya.

⁴ O autor utiliza o artigo "o" para se referir a palavra mídia, porque considera *mídia* um dos meios mais antigos de comunicação de massa.



os outros e o quanto somos influenciáveis. Afinal, mais vale a discussão sobre os temas do que a inexistência dela.

Cass R. Sunstein⁵ é professor de Direito da Universidade de Harvard e escritor. Entre seus livros está “A verdade sobre os boatos: como se espelham e por que acreditamos neles”, que se pretende a compreender a essência dos boatos. Um trecho da obra diz respeito à democracia e à liberdade de expressão, e pode ser utilizada para refletirmos sobre as questões apresentadas neste trabalho:

O objetivo da liberdade de expressão é, em parte, fomentar a autonomia política; uma democracia em bom funcionamento não é possível a menos que as pessoas possam dizer o que pensam, mesmo que seus pensamentos sejam falsos. Mas se as pessoas espalharem boatos falsos — mais obviamente sobre autoridades e instituições públicas — a própria democracia sofrerá.

Bibliografia:

BRAMBILLA, Ana; GLETTE, Gabriela. Influenciadores e campo Social: Entrevista com Raquel Recuero. Revista Comunicare, v. 17 – Edição Especial de 70 anos da Faculdade Casper Líbero. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/3-Entrevista-Comunicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf> Acessado em 18/05/2019.

KAPFERER, Jean-Noël, 1957. Boatos: o mais antigo mídia do mundo. Forense Universitária, 1993, Tradução: Ivone da Silva Ramos Maya.

SUNSTEIN, Cass R. A verdade sobre os boatos: como se espalham e por que acreditamos neles. Ed. Elsevier, 2010, Tradução: Marcio Hack.

⁵ SUNSTEIN, Cass R. A verdade sobre os boatos: como se espalham e por que acreditamos neles. Elsevier, 2010, Tradução: Marcio Hack.